

A fundamentação da intuição em *A Evolução Criadora*

Catarina Rochamonte¹

Vitória(ES), vol. 4, n.2
Agosto/Dezembro 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutoranda, UFSCar

Resumo: Segundo Bergson, a evolução do reino animal se completou em duas vias divergentes, uma dando no instinto e a outra na inteligência. O *elã vital* ou a consciência lançada através da matéria fixou sua atenção sobre o próprio movimento vital ou sobre a matéria que ela atravessava, orientando-se no sentido da intuição ou da inteligência. Nesse artigo procuramos mostrar que o método filosófico sugerido por Bergson estabelece uma relação entre teoria do conhecimento e teoria da vida ao restaurar as grandes linhas que a evolução percorreu e empreendendo um esforço de fundir com a inteligência a consciência adormecida, retraída sob si mesma sob a forma de instinto.

Palavras-chave: Intuição – evolução – instinto

Résumé : Selon Bergson, l'évolution du règne animal a été achevée en deux voies différentes, l'une donnant sur l'instinct et l'autre sur l'intelligence. L'élan vital ou la conscience lancée à travers la matière a fixé son attention sur le mouvement essentiel lui-même ou sur la matière que elle traversait, en se guidant dans le sens de l'intuition ou de l'intelligence. Dans cet article, nous essayons de montrer que la méthode philosophique proposé par Bergson établit une relation entre la théorie de la connaissance et de la théorie de la vie en reconstituant les grandes lignes que l'évolution a couvert et en entreprenant un effort de fusionner avec l'intelligence la conscience endormie, rétractée sous lui-même sous la forme d'instinct.

Mots-clés: Intuition - évolution - Instinct

Atualmente a biologia evolucionista pressupõe que as diversas linhagens evolutivas vieram de um ancestral comum.²Bergson se vincula a essa hipótese³, propondo no ensaio *A consciência e a vida* uma linha de argumentação a partir da suposição de uma “massa de geleia protoplasmática⁴” que, sendo deformável à vontade, teria tomado, de um lado, o caminho do movimento - assinalando o rumo do animal e da consciência – e, de outro, o caminho da fixidez e da insensibilidade – assinalando o mundo dos vegetais.

Essa primeira duplicação do ancestral comum deveu-se à forma peculiar com que o ser vivo buscou assegurar-se da provisão de carbono e de nitrogênio de que tinha necessidade⁵. Provenientes de um elã comum, vegetais e animais resultam de uma primeira diferenciação de funções, sendo a primeira responsável pela produção e acumulação de energia e a segunda pela utilização dessa energia para o movimento. A evolução é a continuação de um movimento inicial e indivisível cuja trajetória não é linear, mas cheia de bifurcações e retornos, muito embora tenha encontrado na linha que sobe ao longo dos vertebrados até o homem um espaço

² “Hoje, os biólogos evolucionistas concordam que a vida complexa surgiu e evoluiu na terra apenas uma vez; todos os organismos que existem são linhagens evolutivas de um ancestral comum. Assim, a vida de todos os organismos baseia-se em um padrão molecular único que passa de geração para geração, mesmo sendo também basicamente modificável.” (DAGALARRONDO, Paulo. *Evolução do cérebro*.p. 45)

³“Ainsi, tout nous fait supposer que le végétal et l’animal descendent d’un ancêtre commun que réunissait, à l’état naissant, les tendances de l’un et de l’autre.” (BERGSON. *L’évolution créatrice*.p.114)

⁴ BERGSON. *A consciência e a vida* IN *A energia espiritual* p.11

⁵ BERGSON. *L’évolution créatrice*. p.114

aberto para a transmissão daquilo cuja *passagem* constitui o essencial⁶.

A compreensão do movimento evolutivo requer, segundo Bergson, a determinação da natureza das tendências que se dissociaram a fim de sugerir ao intelecto o que seja o seu princípio comum. As direções divergentes da evolução da vida foram o torpor, a inteligência e o instinto. Não havendo na vida manifestação que não contenha em estado rudimentar, latente ou virtual, os caracteres essenciais da maior parte das outras manifestações⁷, tem-se que a diferença de grupos se dará não pela possessão de certos caracteres, mas pela tendência a acentuá-los.⁸ Desse modo, segundo essa “definição dinâmica⁹”, os vegetais se distinguem pelo poder de criar a matéria orgânica “às custas do elemento mineral que eles tiram diretamente da atmosfera, da terra ou da água¹⁰”, enquanto os animais se distinguem pela necessidade de buscar os vegetais ou os outros animais que consumiram os vegetais a fim de se nutrirem. Isso significa que o animal é necessariamente móbil, *estando a mobilidade implicada com a consciência*, que é justamente aquele algo especial para cuja passagem o ser vivo se fez.

Nas plantas não há um verdadeiro sistema nervoso e “o mesmo elã que levou o animal a se dar nervos e centros nervosos deve ter resultado na planta na função clorofílica¹¹.” A vida fabricou um explosivo através do armazenamento da energia solar tendo em vista a própria explosão dessa energia. Portanto, não apenas a direção fundamental da vida se deu na evolução do animal e não do vegetal como também – pelo fato de ser no elemento nervoso que se concentra essa faculdade de liberar bruscamente a energia acumulada – pode-se constatar que o sistema sensorio motor não está no mesmo patamar que os outros, mas que é dele que tudo parte e é para ele que tudo converge, estando o resto do organismo a seu serviço¹² e sendo a emergência da atividade nervosa da massa protoplasmática o que chama todo o restante da complicação funcional do organismo sob o qual ela irá se apoiar¹³. “Da mais simples Monera até aos insetos os mais bem dotados, até aos vertebrados os mais inteligentes, o progresso realizado foi sobretudo um progresso do sistema nervoso com, a cada etapa, todas as criações

⁶“A evolução da vida, desde suas origens até o homem, evoca a nossos olhos a imagem de uma corrente de consciência que penetrasse na matéria como para abrir uma passagem subterrânea, fizesse tentativas à esquerda ou à direita, forçasse menos ou mais em frente, na maior parte do tempo fosse partir-se contra a rocha e entretanto, pelo menos em uma direção, conseguisse abrir caminho e reaparecesse à luz. Essa direção é a linha de evolução que leva ao homem” (BERGSON. *A consciência e a vida IN A energia espiritual* p.21)

⁷ BERGSON. *L'évolution créatrice*. p. 107

⁸*Idem*, p.107

⁹*Idem*, p.108

¹⁰BERGSON. *L'évolution créatrice*. p.109

¹¹*Idem*. p.115

¹²*idem*. p.125

¹³*Idem*. p.126

e complicações de peças que esse progresso exigia”¹⁴. Da irritabilidade geral e uniforme dos seres unicelulares provocada por excitações químicas ou físicas à canalização gradual dessa irritabilidade através do desenvolvimento de mecanismos de condutibilidade e contratilidade e da conseqüente diferenciação das células sensoriais constata-se uma tendência ao movimento possibilitada pela complexificação do organismo.

Chegando à animalidade, a força que evolui se engaja em quatro grandes direções, duas delas nas quais houve um impasse¹⁵. Ao mesmo tempo em que se desenvolvia a mobilidade entre os animais, crescia a ameaça de uns contra os outros. Estruturas protetoras como a pele dura e calcária do equinodermo, a concha do molusco, a carapaça do crustáceo e a couraça ganóide dos antigos peixes, ao mesmo tempo em que protegiam, cerceavam o movimento e às vezes imobilizava¹⁶. Com essa parada no progresso que conduzira à mobilidade, equinodermos e moluscos caíram no torpor, enquanto artrópodes e vertebrados, embora sujeitos à mesma ameaça, triunfaram na situação suprindo a insuficiência do invólucro protetor por agilidade que permitia escapar dos inimigos¹⁷.

As duas vias exitosas, a dos artrópodes e a dos vertebrados, evoluíram, a partir de então, separadamente. Tendo como ponto culminante respectivamente os insetos himenópteros e os homens e levando em conta que em nenhuma parte o instinto é tão bem desenvolvido quanto nos insetos himenópteros, pode-se dizer que “toda a evolução do reino animal [...] se completou sob duas vias divergentes das quais uma ia para o instinto e a outra para a inteligência¹⁸. De complicação em complicação a tendência ao movimento, à ação, à atividade, o *elã vital* ou simplesmente a consciência lançada através da matéria, “fixou sua atenção sobre seu próprio movimento ou sobre a matéria que ela atravessara. Ela se orientava assim seja no sentido da intuição, seja no sentido da inteligência¹⁹.”

Estando nós na linha evolutiva que se voltou de preferência sobre a matéria, tentamos, não obstante, apreender o movimento da vida. É aqui que a perseguição de determinados problemas pressupõe a superação da reflexão meramente racional, exigindo um novo método para a filosofia que quer ir adiante. A teoria da vida reconstitui as grandes linhas que a evolução percorreu e a teoria do conhecimento nos mostra os limites dos quadros nos quais o conhecimento se constituiu, redirecionando o pensamento para a “nebulosidade vaga²⁰” que,

¹⁴*Idem.* p.127

¹⁵*Idem.* p. 130

¹⁶*Idem.* p. 132

¹⁷*Idem.* p. 132

¹⁸Bergson. *L'évolution créatrice* .p. 135

¹⁹*Idem.* p.183

²⁰*Idem.* p. IX

fusionada com a inteligência precavida de si, fornece o método capaz de aprofundar a natureza da vida.

Qual o sentido da afirmação de Bergson de que o objetivo da obra *A Evolução Criadora* é antes a definição de um método e o estudo das suas possibilidades de aplicação do que propriamente uma resolução imediata dos grandes problemas²¹? É que o aspecto central da obra é o estabelecimento de uma relação entre teoria do conhecimento e teoria da vida²², sem a qual não é sequer possível tangenciar os reais problemas metafísicos.

A vida é a travessia da matéria por uma corrente de consciência. Pelo seu próprio crescimento, “pela necessidade de se aplicar sobre a matéria ao mesmo tempo em que seguia a corrente da vida²³”, a consciência se cindiu, constituindo nessa cisão “a dupla forma do real.”²⁴ A intuição, porém, deixando a vida e a consciência interiores a si mesmas, comprimiu-se tanto em seu próprio envoltório que não pôde ir adiante, precisando encolher-se em instinto, ou seja, “abraçando apenas a pequena porção de vida que a interessava. Ainda, abraça-a na sombra, tocando-a, quase sem vê-la”²⁵. Ao contrário, sob a forma de inteligência, a consciência se concentra de início sobre a matéria, exterioriza-se a si mesma e alarga seu domínio.²⁶

A inteligência, na sua exteriorização e concentração sobre a matéria, liberta a consciência adormecida que poderá depois “recolher-se interiormente e despertar as virtualidades de intuição que nela ainda dormitam”.²⁷ A inteligência voltada para a matéria como campo de atuação da ciência e a intuição voltada para a vida como campo de atuação da filosofia formariam um ciclo de pesquisa empírica em torno da evolução²⁸. Quando o que se busca é o significado profundo do movimento evolutivo, deve entrar em jogo a possibilidade de resgatar no homem uma virtualidade psíquica, de resgatar “certas potências complementares do entendimento, potências das quais nós só temos um sentimento confuso quando permanecemos fechados em nós, mas que se aclararão e se distinguirão quando elas se aperceberem em obra, por assim dizer, na evolução da natureza.”²⁹

Já foi dito que cada manifestação da vida contém virtualmente, em diferentes proporções, as outras manifestações nas quais a vida se cindiu ao crescer³⁰. Vimos também

²¹*Idem.* p. X

²²*Idem.* p. IX

²³*Idem.* p.179

²⁴*Idem.* p.180

²⁵BERGSON. *L'évolution créatrice* p.183

²⁶*Idem.* p.183

²⁷ *Idem.* p.183

²⁸*Idem.* p.180

²⁹*Idem.* p. IX

³⁰*Idem.* p. 107

como a vida vegetal e animal se opõem e se complementam. Assim também ocorre com o instinto e a inteligência no animal, que não são graus sucessivos de uma mesma tendência, mas direções opostas e complementares de uma atividade que se cindiu ao crescer.³¹ O instinto, sendo a faculdade natural de utilizar um mecanismo inato³², tem por vantagem a perfeição com que responde imediatamente e com simplicidade à necessidade que foi chamado a satisfazer, mas tem por inconveniente a invariabilidade de sua estrutura devido à extrema especialização que faz com que qualquer modificação na estrutura acarrete uma modificação na espécie.³³ A inteligência, por sua vez, sendo a capacidade de fabricar objetos artificiais³⁴, embora os fabrique imperfeitamente e à custa de esforço, tem a imensa vantagem de se deixar transformar pela sua própria fabricação e abrir um campo indefinido de atividade em vez de fechar o ciclo de ação onde o animal se move instintivamente.³⁵

O que a inteligência possibilita é sobretudo a *passagem do impulso criador inicial*. Da perfeita funcionalidade instintual para a imperfeita funcionalidade intelectual há um imenso salto qualitativo que sobrepuja o pequeno deficit:

[...] a inteligência visa de início à fabricação. Mas ela fabrica por fabricar ou persegue involuntariamente e mesmo inconscientemente outra coisa? Fabricar consiste em informar a matéria, em torná-la maleável, em dobrá-la, em convertê-la em instrumento a fim de dela se assenhorar. É este domínio que aproveita à humanidade, bem mais que o resultado material da invenção mesma. [...] Tudo se passa enfim como se o domínio da matéria pela inteligência tivesse por principal objeto *deixar passar algo* que a matéria obstaculiza.

Da força imanente à vida podemos supor – do ponto de vista do conhecimento³⁶ – uma tendência que implicava em si uma apreensão imediata de um objeto determinado na sua materialidade mesma e uma potência natural de relacionar um objeto a outro objeto. O que há de inato na inteligência não é o conhecimento de nenhum objeto específico, mas sim a tendência de estabelecer *relações*.³⁷ relações do atributo ao sujeito, relações que o verbo exprime, relações de equivalente a equivalente, de conteúdo a continente, de causa a efeito, etc³⁸. Na filosofia chamou-se isso de conhecimento formal, que, para Bergson, não é algo *a priori*, mas um hábito contraído, um determinado direcionamento do espírito ou uma inclinação natural da atenção³⁹.

³¹*Idem.* p. 136

³²*Idem.* p. 140

³³*Idem.* p.141

³⁴*Idem.* p.140

³⁵*Idem.* p.142

³⁶BERGSON. *L'évolution créatrice* p. 150

³⁷*Idem.* p. 148

³⁸*Idem* p.148

³⁹*idem* p. 148

Também desse ponto de vista podemos notar a vantagem do conhecimento formal da inteligência sobre o conhecimento material do instinto:

Uma forma, justamente por ser vazia, pode ser preenchida à vontade por um número indefinido de coisas, mesmo por aquelas que não servem para nada. De modo que um conhecimento formal não se limita àquilo que é praticamente útil, ainda que tenha sido em vista da utilidade prática que ele tenha feito sua aparição no mundo. Um ser inteligente porta em si os meios para superar-se a si mesmo⁴⁰.

Nota-se, pois, que longe de incorrer em um simples irracionalismo, Bergson reconhece desde o início as enormes vantagens da inteligência no processo evolutivo. Mas *o processo evolutivo, a passagem do elã vital, continua para além da inteligência*. Faz-se, pois, necessário, não apenas reconhecer o inestimável valor da inteligência, mas também buscar as formas de superá-la para que se compreenda o movimento que a gerou. O primeiro passo para isso é buscar aquilo que no modo de atuação da inteligência, em sua estrutura própria, pode ser remetido a uma função prática ou biológica para, em seguida, buscar a sua significação metafísica. Nesse sentido, a imbricação do espaço com a inteligência, ou o espaço como *exigência da fabricação*⁴¹ explicitará a forma por excelência do nosso conhecimento, cabendo à metafísica ensaiar uma resposta sobre o sentido mesmo da espacialização dentro do processo evolutivo.

O espaço, diz Bergson, “não é jamais percebido, ele só é concebido.”⁴² A ideia de um espaço “homogêneo, vazio e indiferente”⁴³ é “o esquema de nossa ação possível sobre as coisas.”⁴⁴ A tese da coincidência essencial da matéria com a percepção pura, defendida em *Matéria e memória*, possibilita a Bergson colocar no dinamismo do processo evolutivo tanto a inteligência quanto aquilo que o seu modo de atuação implica, sem incorrer no paradoxo que põe o mundo na dependência do cérebro ao mesmo tempo em que faz do cérebro uma parte do mundo. Partindo da imagem e negando a noção moderna de representação, Bergson supera as contradições inerentes à postura realista e à postura idealista e adianta-se na tentativa de compreensão do significado do processo evolutivo que deflagrou a inteligência e a materialidade da qual se serve.

A inteligência está em acordo com a matéria pela sua lógica natural, pelo seu geometrismo latente e tanto mais se desenvolve quanto mais penetra na intimidade da matéria

⁴⁰ *Idem*.p. 152

⁴¹ “Uma inteligência que visa a fabricar é uma inteligência que não se detém jamais na forma atual das coisas, que não a considera como definitiva, que tem toda matéria, ao contrário, por modelável à vontade. [...] A ação, e em particular a fabricação exige [...] que tenhamos a matéria por indiferente à forma. O conjunto da matéria deverá pois aparecer ao nosso pensamento como um imenso estofo onde poderemos talhar aquilo que quisermos para refazê-lo como nos apraza. Notemos de passagem: é este poder que afirmamos quando dizemos que há uma *espaço*” (BERGSON. *L'évolution créatrice* 157)

⁴² *Idem*.p. 157

⁴³ *idem*.p. 158

⁴⁴ *idem*. p. 158

inerte⁴⁵. Ao voltar-se, porém, para a vida com as mesmas formas, com os mesmos hábitos, com os mesmos pressupostos de utilidade prática, então obtém somente uma verdade simbólica. Assim, se não há maiores problemas no abandono dos fatos físicos à ciência positiva, no caso dos fatos biológicos e psicológicos esse abandono significará a aceitação *a priori* de uma concepção mecanicista da natureza inteira⁴⁶ e conseqüentemente a construção de uma metafísica dogmática que repousaria sob os mesmos pressupostos da ciência positiva.

Embora a experiência forneça um misto de inteligência e instinto tanto no animal quanto no homem, o instinto é em sua própria essência irreduzível à inteligência, por isso a ciência nunca logrará um êxito completo em sua tentativa de explicá-lo⁴⁷. A explicação do instinto é metafísica. O instinto é *simpatia*⁴⁸. O instinto é a permanência da consciência na interioridade ainda não esclarecida, mas é o mesmo princípio cuja exteriorização e absorção na utilização da matéria bruta⁴⁹ dá-se como inteligência. O instinto anula a consciência pela perfeita adequação do ato à representação, enquanto a inteligência, promovendo uma separação entre representação e ação ou entre atividade virtual e atividade real⁵⁰, deixa passar e se desenvolver mais livremente a consciência criadora que penetrou na matéria. A intuição seria a iluminação dessa interioridade própria ao movimento da vida.

A inteligência não abarca a totalidade do apreensível. A matéria, tal como se apresenta aos nossos sentidos, responde, como já vimos, à necessidade de ação, de fabricação. Ao processo de intelectualização da consciência corresponde o processo de espacialização da matéria.⁵¹ Mas, tanto a consciência ultrapassa a inteligência, quanto a materialidade ultrapassa a percepção que temos dela. À consciência, que é coextensiva à vida, corresponde não a matéria percebida, mas uma interação universal que extrapola a nossa capacidade original de percepção. Está claro que, ao refutar a tese de que a faculdade de conhecer abrange a totalidade da experiência, Bergson aponta para um tipo de “conhecimento” que está no cerne de sua cosmologia e que não é meramente intelectual ou racional. Esse “conhecimento” é a intuição que aqui aparece não simplesmente como método filosófico, mas como tensão ou esforço por meio do qual a intelectualidade se reinsere na forma de existência mais vasta e mais alta que a

⁴⁵ BERGSON. *L'évolution créatrice* p. 197

⁴⁶ *Idem.* p.197

⁴⁷ *Idem.* p.169

⁴⁸ *Idem.* p. 177

⁴⁹ *Idem.* p. 169

⁵⁰ *Idem.* p.145

⁵¹ “ le même mouvement qui porte l'esprit à se déterminer em intelligence, c'est à dire em concepts distincts , à mène la matière à se morceler em objets nettement extérieüre les uns aux autres. *Plus la conscience s'intellectualise, plus la matière se spatialise.*” (*Idem.* p 190)

gerou⁵². Essa forma de existência “mais vasta e mais alta” é a espiritualidade, em contraposição à materialidade e a intelectualidade.⁵³O caminho para atingí-la é o caminho da introspecção, da circunspeção, da interioridade:

Concentremo-nos, portanto, sobre aquilo que nós temos de mais afastado do exterior e menos penetrado de intelectualidade. Procuremos, no mais profundo de nós mesmos, o ponto onde nos sentimos mais interiores à nossa própria vida. É na duração pura que nós mergulharemos então. Uma duração onde o passado, sempre em marcha, se avoluma incessantemente de um passado sempre novo⁵⁴.

O acesso à espiritualidade, aquela forma mais alta de vida da qual saíram o intelecto e a matéria, pressupõe um salto, um mergulho no próprio ser, no eu profundo, cujo conteúdo é estranho à lógica habitual, ao meio racional com o qual já estamos habituados. A superação da inteligência sugerida por Bergson não advém, portanto, de uma inteligência que especula sobre si mesma, mas de uma vontade que absorve em si o pensamento, do espírito que volta sobre si mesmo a sobra de atenção que começou por dedicar à matéria e, dilatando-se, bate-se contra as bordas do inconsciente que busca iluminar.

A crítica da razão só pode obter algo mais complicado, não algo diferente. A ordem e a complicação que ela obtém é apenas a interrupção ou a inversão da duração, que é de ordem psicológica e que é a verdadeira positividade⁵⁵. A admirável ordem matemática, que deslumbrou físicos e metafísicos na modernidade não é algo positivo, mas um “sistema de negatividades⁵⁶” que “exprimem uma deficiência do querer⁵⁷” e que foi criado concomitantemente à extensão no espaço pela inversão de um certo movimento original⁵⁸, por uma interrupção ou diminuição da realidade positiva, psicológica, espiritual. Esse movimento original é o movimento criador, é a marcha avante da espiritualidade⁵⁹ cuja distenção culminou no espaço⁶⁰. A complicação da ordem matemática não cria, mas é ela própria criada pela

⁵²“Intellectualité et matérialité se seraient constituées, dans le détail, par adaptation réciproque. L'une et l'autre dériveraient d'une forme d'existence plus vaste et plus haute.” (BERGSON. *L'évolution créatrice* p.188)

⁵³“Au fond de la 'spiritualité' d'une part, de la 'matérialité' avec l'intellectualité de l'autre, il y aurait donc deux processus de direction opposée, et l'on passerait du premier au second par voie d'inversion, peut-être même de simple interruption” (BERGSON. *L'évolution créatrice* p. 202)

⁵⁴BERGSON. *L'évolution créatrice*. p. 201

⁵⁵ *Idem.* p.209

⁵⁶ *Idem.* p.209

⁵⁷ *Idem.* p.210

⁵⁸ *Idem.* p.211

⁵⁹“si l'on entend pas spiritualité une marche em avant à des créations toujours nouvelles, à des conclusions incommensurables avec les prémisses et indeterminables par rapport à elles, on devra dire d'une representation qui se meut parmi des rapports de determination nécessaire, à travers de premisses qui contiennent par avance leur conclusion, qu'elle suit la diretion inverse, celle de la matérialité.” (BERGSON. *L'évolution créatrice* p.213)

⁶⁰ *Idem.* p. 213

distração da potência criadora, pelo relaxamento do inextenso em extensão, da liberdade em necessidade⁶¹. Já o esforço da vida, a ordem “do vital e do voluntário” em oposição à ordem “do inerte e do automático⁶²” é “aquilo que subsiste do movimento direto no movimento invertido, *uma realidade que se faz através daquela que se desfaz.*”

A experiência apontada por Bergson no âmago da sua cosmologia é a da coincidência da consciência com o seu princípio⁶³, é a reinserção do “nosso ser em nosso querer e nosso querer ele próprio na impulsão que ele prolonga.⁶⁴” A intuição que nos fará “engendrar a inteligência⁶⁵” é uma visão do espírito, não uma visão do intelecto:

Ensaieiros ver não mais com os olhos apenas da inteligência, que só apreende o já feito e que olha de fora, mas com o espírito, ou seja, com esta faculdade de ver que é imanente à faculdade de agir e que jorra, de certo modo, da torção do querer sobre ele mesmo⁶⁶

Diante dos fatos biológicos que apresentam a evolução da vida, Bergson troca as tentativas tradicionais de compreensão, baseadas em esquemas matemáticos, por aproximações de ordem psicológica: “Quem busca a coincidência com a duração deve se pôr no ponto de vista do todo; quem se põe no ponto de vista do todo, se põe em face da duração e porque a duração é de essência psicológica, o esquema da totalidade é de origem psicológica.⁶⁷”

Com a humanidade, a natureza concluiu sua jornada do ponto de vista estrutural, dando início a uma nova jornada capaz de levar adiante, no indivíduo, a exigência de criação que impulsionou toda essa odisséia. É o que propõe Henri Gouhier ao afirmar que “depois da criação de espécies sem história, há a história da espécie de criadores⁶⁸” Quando Gouhier afirma que “o elã vital não possui somente aquilo que chamamos uma história natural; ele tem também uma história humana⁶⁹”, lemos isso como algo bastante próximo do que tentamos sugerir com

⁶¹BERGSON. *L'évolution créatrice. Passim* (p.218-219)

⁶²*Idem.* p.225

⁶³*Idem.* p.238

⁶⁴*Idem* p.240

⁶⁵“Mais l'instinct et intelligence se détachent l'un et l'autre [...] sur un fond unique, qu'on pourrait appeler, faute d'un meilleur mot, la Conscience en général, et qui doit être coextensive à la vie universelle. Par là nous faisons entrevoir la possibilité d'engendrer l'intelligence, en partant de la conscience qui l'enveloppe” (*idem*.p.187)

⁶⁶ *Idem* p. 251

⁶⁷ GOUHIER, Henri. *Bergson et le christ des évangiles.* p.60

⁶⁸*Idem* p. 77

⁶⁹ “L'épopée de l'évolution créatrice n'est pas terminée avec le livre publié sous ce titre. Après la création d'espèce sans histoire, il y a l'histoire de l'espèce de createurs. Si radicale que soit la discontinuité entre l'animalité et l'humanité, c'est l'histoire de la vie qui continue: la même vie dans une autre histoire. Par suite, l'elán vital n'a pas seulement ce que nous appelons une histoire naturelle: il y a aussi une histoire humaine, L'auter de L'Évolution créatrice, pour tenir la promesse de son titre, doit encore, dans le prolongement de sa cosmologie, déchiffrer l'histoire de l'humanité comme histoire de l'élan vital.” (GOUHIER, H. *Bergson et le christ des évangiles.* p. 78)

nosso trabalho, a saber, a existência de uma *lei geral de evolução cuja completude ainda não se processou*.

Referências bibliográficas

BERGSON. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009

_____. **L'évolution créatrice**. Paris: PUF, 2008

DAGALARRONDO, Paulo. **Evolução do cérebro: Sistema Nervoso, Psicologia e Psicopatologia sob a Perspectiva Evolucionista**. Artmed, 2011.

GOUHIER, Henri. **Bergson et le christ des évangiles**. Paris: Editora Vrin: 1999